

Mudanças Sociais, Familiares e Subjetivas em torno da “Adolescência”

Alejandro Klein, Dr. ¹

Resumo: Este texto propõe a reflexão de uma situação nova: o desenvolvimento de adolescentes em novos contextos sociais e culturais (o neoliberalismo). Este é o período social e subjetivo que eu denomino de: “Adolescentes sem Adolescência”.

Palavras-chave: adolescência, neoliberalismo, mudanças subjetivas.

Social, Family and Subjective Changes Concerning “Adolescence”.

Abstract: This article discusses a new matter: The development of adolescent’s personalities in the new socio-cultural context (neoliberal economic system). This is the social and subjective period which I denominated: “Adolescents without Adolescence”.

Key words: adolescence, neoliberalism, subjective changes.

Este artigo busca pontuar como determinadas situações sociais e familiares não podem deixar de incidir na subjetividade e em especial na forma em como o jovem entra ou não em vínculo com a “adolescência”, entendendo por tal uma construção complexa que, tendendo ao pubertário como condição necessária, necessita por sua vez de um múltiplo apoio individual, familiar e social (Klein, 2003-2004).

A modernidade keynesiana alentava e propunha uma matriz socio-econômica que era relativamente estável, com instauração de um porvir provável e declaração de uma promessa alcançável. Tratava-se de manter como tela de fundo ou meta-enquadre, um contexto econômico previsível com estabilização social. Uma espécie de homeostase social própria do princípio de constância (Laplanche-Pontalis,1981), princípio de funcionamento psíquico tanto quanto regulador social e organizador familiar.

Desta maneira a adolescência era um espaço de chegada e experimentação para os jovens, com a promessa de integração social gerando uma passagem possível a um estado adulto que por sua vez recebia apoio a partir de outro espaço social chamado “adulterez”.

¹ Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicólogo-Psicodramatista-Psicanalista de Grupo. Investigador do Grupo de Pesquisa “Transversões” da UFRJ. Docente e Investigador da Faculdade de Psicologia, Uruguai alejandroklein@hotmail.com. No momento, desenvolvo meu pós-doutorado ligado a Puc-Rio, com apoio do CNPq, sob a orientação da professora Irene Rizzini, do Departamento de Serviço Social.

Pelo contrário o neoliberalismo - como modelo social, econômico e político- gera uma “desapuntalamento” (fragilização) da adolescência como espaço de vida, investigação e júbilo (Urribarri,1990). A hipótese que desenvolvo indica que tanto a partir do social, como a partir do familiar e do individual, a “adolescência” é massivamente fragilizada, não podendo operar nem como referência para re-significar as experiências em que o jovem transita, nem como espaço complexo que permita intercâmbios, oposições, confrontações geracionais e sociais (Klein, 2006).

DA MODERNIDADE KEYNESIANA AO NEOLIBERALISMO

Na modernidade keynesiana o adolescente se apropria de um espaço chamado adolescência, ou melhor dito, não há necessidade de distinguir entre ambos, devido a que os processos de construção de subjetividade e o suporte de espaços sociais, funcionavam harmonicamente como processos de entrada e saída (Klein, 2002). Desta maneira a adolescência podia ser a saída da infância e a entrada na adultez, assim como a adultez funcionava como saída da adolescência e entrada na velhice.

Os espaços sociais etários se correlacionam entre si tanto quanto se institucionalizam entre si (Lewkowicz, 2004), situação que refletia a integração entre a sociedade e seus integrantes. Adultez, infância, adolescência eram espaços sociais e etários onde distintos processos subjetivos, familiares e vinculares se integravam, se resignificavam entre si e onde se obtinha um meta-sentido: a vida tem um destino, a sociedade mantém uma promessa e entre vida e sociedade se consolida o porvir.

Desta maneira sugiro que para que o adolescente libidinize um espaço chamado adolescência, o mesmo tem que estar previamente libidinizado socialmente. Dito de outra maneira, para que o jovem pratique política de tateio (Klein, 2003), tem que se pactuar socialmente uma política e um limite social de tateio.

Esta “dinâmica “ social consensuada e pré-estabelecida, expressa uma idéia direta de cidadania e consolida simultaneamente o princípio de reciprocidade, que ainda que sempre assimétrico (Kaës,1993) estabelece regras para o receber e o outorgar. Situação magistralmente descrita, melhor que em nenhuma teoria política, no conceito de moratória psicossocial do danes–norteamericano Erikson (Maier,1980).

Em tempos de neoliberalismo as coisas mudam profundamente. O mercado não necessita nem de destino, nem de promessa, nem de porvir, senão de fluxo livre de capitais, globalização de informação adequada e *controlada* e ganância *descontrolada* de capital financeiro (Forrester,2000). São geradas condições para enfraquecer espaços

sociais de porvir e futuro, pelo que se passa do adolescente consolidado, à pergunta sobre como se pode ser adolescente.

Enquanto que o adolescente da modernidade keynesiana recorria ao mundo sustentado por um piso sólido sob seus pés, o jovem do neoliberalismo (particularmente o das classes populares e de classe média e média-baixa) se movimenta em *pontas de pé*. No primeiro caso, recebendo os “impactos” benéficos de apoderar-se de um lugar social que o reconhece, no segundo, idealizando estratégias de sobrevivência dentro de uma subjetividade desconcertada por já não entender bem quais são as regras do jogo que lhe concernem. As mesmas remetem tanto à indiferença quanto à ameaça iminente².

Em tempos de neoliberalismo, tudo aquilo seguro e previsível se torna instável e inseguro, destruindo uma estrutura básica de amparo que é imprescindível para gerar condições de segurança ontológica, diálogo com o outro e instauração da figura do vizinho na *Ágora pública* (Gómez, 2003).

A reunião familiar, outrora matriz de intercâmbio e de constituição de subjetividade³, perde significação específica e passa a ser um simples eco de angústias e desesperações referidas ao trabalho, ao desemprego, às condições econômicas paupérrimas. Já não se fala de temas familiares senão que não se deixa de mencionar o social. A família perde capacidade de pôr limite ao mesmo, o que invade permanentemente e frente ao qual não há capacidade de transformação, agourando uma subjetividade construída em torno do transubjetivo e da persistência transgeracional.

Aqueles temas de outrora referidos ao devenir estável, a mudança possível e o amanhã esperançoso, eram também a “agenda “ mesma, o “menu” da modernidade keynesiana, substituídos agora pelo catastrófico do presente. Já não há menu senão “prato feito”, revelando que o nível do traumático encripta as condições de homeostase familiar.

É por isso que entendo que, mais que se identificar com o adulto, os adolescentes o faziam com o espaço adulto, que era projetado, consolidado e sempre enriquecido pelos adultos. O pai, a mãe, os avós ou tios, revelam, compartilham e transmitem insígnias de adulez com seus filhos, netos ou sobrinhos, os que identificados a tal espaço, reasseguram e devolvem o orgulho e a segurança de serem adultos.

² No formoso filme brasileiro “Central do Brasil” a ação começa com uma cena onde um adolescente acaba de roubar e escapa correndo. Uma vez que é agarrado e apesar de seu: “não me mate”, a polícia o assassina a queima-roupa. Exemplo terrível de uma ameaça de morte concretizada.

³ Esta perspectiva dificilmente será aceita pela psicanálise clássica que parece supor que a subjetividade se gera em espaços secretos, com coisas ouvidas por acaso, espiando os pais ou com fragmentos isolados de significantes.

Quando estas insígnias não são localizáveis, estão desvalorizadas ou são inexistentes, a adultez deixa de ser o centro do cenário social e etário, para converter-se na prova mais palpável e nítida do angustiante e absurdo que é viver em sociedade.

Estes processos parecem involucrar majoritariamente a grupos sociais pobres e empobrecidos. Poder-se-ia dizer que nas classes privilegiadas a situação dos adolescentes não se modificou, mas mantenho minhas reservas a respeito. Situações como a dos enclaves fortificados e o que chamo guetização urbana, revelam intentos vãos de constituição de micro-sociedades, que não fazem senão facilitar o incremento de condutas adictivas e paranóicas, elevadas taxas de transgressão e subjetividades de tipo psicopático, que, mais que assegurar continuidades, marcam e inauguram decisivas descontinuidades que devem ser objeto de uma investigação específica (Caldeira,2000).

ACERCA DO SOCIAL QUE DES-ADOLESCENTIZA

Creio que é importante assinalar como a problemática neoliberal da exclusão ininterrupta, se pode relacionar à generalizada sensação pela qual parece que não todos têm lugar na sociedade. Impõe-se assim um imaginário que denomino sociedade escassa, pelo qual, para que poucos estejam incluídos, muitos devem manter-se excluídos.

Ser adolescente se transforma assim em um problema e uma situação de urgência, pela qual não se sabe muito bem *o que fazer* diante do mesmo. Este drama conflui no que apresentei como desvanecimento do orgulho familiar. O orgulho familiar pelo filho adolescente refere-se a uma qualidade emocional pouco descrita, em relação a uma expectativa de que aquele desatenda mensagens familiares tradicionais, ocasionando um tempo de ruptura a partir do qual sustentar um projeto alternativo e pessoal.

Esta ruptura previsível se anula por outra ruptura imprevista: o desvanecimento de tal orgulho, que afeta esse tempo de experimentação, substituído por táticas urgentes de sobrevivência. Esta “anti-moratória” implica a impossibilidade de seguir sustentando a adolescência como espaço “ancho⁴ e generoso”, a partir do qual os jovens experimentem e transformem sua adolescência como objeto psíquico a construir e compartilhar.

O mirar “tolerante” se substitui por um mirar “exigente” que pode ser também mirada depreciativa ou indiferente. Faz-se obviamente mais fácil, assim, que o adolescente fracasse, mais fácil que decepcione, mais fácil que se sinta desvalido e desamparado.

⁴ Largo.

Aquele espaço social assegurado para sustentar inquietudes, buscas e ansiedades se substitui por uma insistência (que não é nada louca) por manter boa escolaridade, encontrar um trabalho e –mais importante ainda- resignar aspectos conflitivos e de rebeldia. À exclusão ininterrupta se responde com um intento de inclusão exacerbado, devido à escassez e à falta de oportunidades.

Configuram-se situações de sobreadaptação e insegurança a partir das quais se perde a oportunidade de auto-reconhecimento e continuidade existencial. A adolescência como capacidade para integrar experiências complexizantes da subjetividade se substitue pela sensação de que quanto mais adolescência se tenha, mais prevalece o confuso.

Desta maneira, no material analisado, se faz impossível gerar protesto ante situações injustas ou absurdas, a que, junto a certa resignação, leva ao convencimento de que não se pode reclamar nem pedir, porque não se tem direito à nada. Não há raiva, não há bronca, não há confrontação, basicamente, não porque falem os elementos para confrontar, senão porque não há a quem confrontar...

É a culminação da sociedade neoliberalizada, onde não há a quem acudir nem se queixar, não há com quem discutir nem há a quem pedir contas. As coisas são como são, exacerbadamente anonimizadas e recorrentemente trágicas. Quadro de descidadanização extrema unido ao sofrimento inconfessável de ser adolescente, sinônimo agora de desamparo pronunciado.

Se vão afirmando irremediavelmente situações que denomino social e familiarmente regressivas, pelo que se perde a oportunidade de que a adolescência seja uma cena desejada, produtora de uma atividade epistemofílica (Klein, 2003) inaugurando um projeto de mudança e de vida.

Em seu lugar surge o louco e o desconcertante, como uma matriz onde o social e o subjetivo se relacionam já não por diferenciação, senão por extremo sincretismo (Bleger, 1967), incentivado por situações de catástrofe das que Lewkowicz indica:

se o trauma é o impasse segundo a lógica que trabalhosamente repõe em funcionamento os esquemas prévios e o acontecimento é a invenção de outros esquemas frente a esse impasse, a catástrofe induz a uma resta pura de ser, uma espécie de dissolução no não ser, neste sentido a catástrofe é uma dinâmica que produz desmantelamento sem armar outra lógica equivalente em sua função articuladora, a causa que desmantela não se retira, essa

permanência lhe faz tope irremediavelmente à composição traumática...não há jogo senão subtração, mutilação, desvastação (...) as marcas que ordenavam simbolicamente a experiência já não ordenam nada talvez nem sequer marcam (Lewkowicz,2004: 154).

Desta maneira o que já não ordena na ordem do subjetivo –ainda que sem marca, e muito - se refere aos pais melancólicos, a instituição metonimizada, a descidadanização e outros, que contribuem para gerar estruturas mentais onde o impensável e o inomeável (em forma de psicofobia) substituem ao conflitivo e elaborável.

O mesmo autor agrega: “*não passamos por uma configuração a outra senão de uma totalidade articulada a um devenir não regrado*” (idem: 150), pelo que penso que o social que permite a adolescência como um sólido, deu lugar a outro onde as figuras etárias -geracionais tomam forma de devenir errante (o que retomo mais adiante como figura de emigrantes internos).

Contudo, há outra dimensão que devo destacar no vínculo atual entre a sociedade e seus jovens, ainda que não esteja diretamente referida ao material investigado. Neste vínculo que hipotetizo os jovens voltam a reencontrar um sentido social, mas desta vez do lado da morte e não da vida, cumprindo uma função de jovens confiantes:

quando em uma geração depois de um traumatismo que pode ser (...)qualquer tipo de experiência traumatizante não se faz o trabalho de elaboração psíquica, resulta em consequência a clivagem que vai constituir nas gerações ulteriores uma verdadeira pré-história da história pessoal (Tisseron,1997: 18).

Esta observação é inseparável da vergonha, admitida ou não, de uns pais que não somente estão abrumados ou são indiferentes, senão que se sentem também em falta com respeito a seus filhos (Volnovich, 2002). Esta falta surge dessa diferença entre aquele muito que se recebeu dos antecessores e as “migalhas” que se transmite agora aos sucessores.

Indica Tisseron (1997) como estes descendentes podem chegar “*a perceber em si mesmos sensações, emoções, imagens ou potencialidades de ações que lhes parecem bizarras e que não se explicam por sua própria vida psíquica ou por sua vida familiar*” (Tisseron,1997: 18). Situação que recorda a essas sombras, ruídos ou silêncios,

aparicões e premoniões que povoam o mundo mental mais clandestino destes jovens, configurando uma clínica das catástrofes sociais, imbricada em uma ditadura e em uma situação social ainda não resolvidas.

Desta maneira creio que efetivamente a sociedade se viu sacudida por situações de catástrofe que impulsionaram enormes mutações vinculares, familiares e subjetivas, sem que, correlativamente se pudesse fazer o duelo imprescindível. Assim ficaram sem fazer o duelo da passagem da modernidade keynesiana ao neoliberalismo; da sociedade ampla à sociedade escassa; da cidadania possível à descidadanização ameaçante; da impunidade ditatorial à situação irresolvida das violações cometidas aos direitos humanos .

Tudo isto acarreta uma clivagem entre o dizível e não dizível; entre o pensável e o impensável, com a conseguinte impossibilidade de fazer um duelo imprescindível para aceitar as mudanças e tramitar desprendimentos que complexifiquem o psíquico.

Ao mesmo tempo, a impossibilidade de fazer duelos pertinentes para aceitar a situação social tal como se manifesta hoje em dia, encerra a esperança de que se esse duelo imprescindível não se realiza, será possível retornar a esse modelo social ao qual ainda se deseja e pelo qual se sente intensa nostalgia.

Devo aclarar, em tal sentido, que a sociedade escassa pode ser entendida não somente como uma temática da *escassez*, senão também do *excesso*. Não somente não há lugar para todos senão que ademais *a maioria* sobra. A estes *sobrantes*, pede-se a eles que se *sacrifiquem* pelos demais os fazendo aparecer como o obstáculo para poder retornar àquela sociedade que cuidava e protegia.

Este “*sacrifício de si*” coloca então, que se com a desapareição dos *sobrantes* se restabelece (ilusoriamente) a sociedade ampla, se trata então de que os mesmos se descidadanizem o suficiente para que possam desaparecer sem despertar culpas ou escândalos. As opções são várias: emigração, erradicação, desapareição real e/ou simbólica.

Integram o grupo dos sobrantes várias camadas de população e entre elas a dos adolescentes cuja extinção (simbólica e/ou real), parece demonstrar que o excesso se elimina e que a impureza se purifica.

A política do sacrifício é inseparável da política de *expição* praticada pela cultura neo-evangélica e tanto em um como em outro caso, o obrigatório recomeço permanente desse ritual leva a consolidar, social e subjetivamente, uma sinistra compulsão à repetição. Ainda que estes rituais possam levar à negação destes sucessos catastróficos,

tal situação é transitória porque quase é desnecessário aclarar que o sucesso catastrófico permanece ali intacto, com o que o ritual renova tanto quanto anula, essa impossível ordem social “recuperada”.

FRAGILIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS DE MEDIAÇÃO

Esta complexa situação não pode senão repercutir em uma fragilização das estruturas de mediação (Missenard,1991) e de passagem (Dolto,1990), de forma tal que já não se sabe como passar da infância à adolescência, do dentro familiar ao fora social, das estruturas que reasseguram a outras que exigem desafios e crescimento.

Se perdem pontos de ancoragem sólidos que são substituídos por um contínuo devenir que incentiva os sentimentos de insegurança, falta de auto-estima e desvalorização, com o que finalmente se perde outras estruturas de mediação : a do adolescente com sua adolescência.

Estas estruturas de passagem que se assentam no social, no familiar e no subjetivo ao mesmo tempo, podem ser pensadas como um conjunto que une e articula, outorgando um sentido solidário, de maneira tal que sua extinção afeta a tudo o que vincula.

Creio que existem três estruturas de mediação que se fragilizam :

1. O adolescente com sua adolescência
2. O adulto com sua adulez
3. A cidadania com a matriz social,

acentuando-se assim processos de indiscriminação e regressão.

Desta maneira a família passa, de espaço que garante o acompanhamento a outros vínculos, a fechar-se sobre si mesma (cena congelada-de suturação mútua). A subjetividade já não experimenta júbilo sobre suas possibilidades, senão que cerceia as mesmas em configurações como a do messianismo exacerbado, que fazem do adolescente um estranho para si mesmo. E, em lugar de sociedade sustentando uma promessa, se consolida a decepção e o desarraigo da exclusão, como forma de patologização do ideal (Enriquez, 2001).

Uma conseqüência é que o “*a sociedade me necessita*” da modernidade keynesiana, se substitue pelo “*qualquer um é substituível*” do neoliberalismo, traçando um estranho imaginário representado por uma máquina social que parece funcionar sozinha acompanhando o anonimato do mercado, e integrada por essa somatória de “engrenagens” que substituem a ação “cidadã”.

Desta maneira as estruturas de mediação se transformam em estruturas de **exigência** com as quais não podem negociar, tendo como reverso o **desfalecimento** que desarticula certezas estruturantes destacando em seu lugar vivências de angústia e desconcerto.

CATÁSTROFE SOCIAL-CATÁSTROFE PSÍQUICA-FIGURAS DE MEDIAÇÃO

A catástrofe social que propicia e na qual se assenta o neoliberalismo, gera um conjunto semântico -vincular em torno de distintas figuras contrapostas: vítima-vitimário, responsáveis- desresponsabilizados, o que, por sua vez, se articula na catástrofe psíquica de um funcionamento mental que passa a funcionar em predomínio binário, com anulação do pré-consciente com sua imprescindível função ligadora-desligadora. Daí o predomínio do Eu ideal às custas do ideal do Eu, correlativo, à nível social, da valoração da *sentença* neoevangélica em prejuízo da cultura *dialogante* (Bleichmar,1981).

Nestas condições não se podem sustentar as figuras de mediação, figuras terciárias por excelência, que operam como continente ou meta-continente do resguardo social e do resguardo psíquico. Seu valor radica em que são estruturas de transcrição, tanto quanto de equilíbrio e suporte. Em seu lugar surgem as figuras do perverso onipotente: o diabo, o impune, o corrupto, o “dealer”, o “atorrante” ; ou as figuras da extrema debilidade: os jovens, o desclassificado, o desempregado, o excluído cronificado, o próprio Estado.

Desta maneira se facilita o “ataque” a estes segundos já que o marco de proteção estatal está abolido ao ser o mesmo Estado atacado e colocado no “banco dos acusados”, por um neoliberalismo que não tolera nenhum tipo de regulação que não seja a da ganância.

As figuras da compaixão e da tolerância se atenuam a favor de uma identificação com o agressor (desgraçadamente tão multiplicada em nossos dias...) pela qual se consensua o : “se isto acontece a ele, é porque ele merece”. Esse enunciado era já muito claro na época da ditadura, ante a prisão e desaparecimento de cidadãos e não o é menos em uma sociedade que elogia cada vez mais governos de “mão dura” e uma polícia forte e decidida ⁵.

É uma operação extrema da disjunção: “ele não tem nada a ver comigo”. O “ou eu ou o outro” tanático se impõe, com o que a possibilidade de conjunção desaparece

⁵ O horrendo episódio da morte recente de um brasileiro nas mãos da polícia britânica o exemplifica.

(Kaës,1994). A partir do momento em que o neoliberalismo se estrutura em um “fora” absoluto e em um “dentro” impenetrável, a disjunção se perfila como embasamento estrutural dele.

No “fora” estão os que o merecem, aqueles que passam a ser “responsabilizados” por serem o que são (pobres ou perdedores na escala social) agrupáveis sob o comum denominador dos “inexistentes “ ou os “invisibilizados”. Ao serem mantidos nesse “fora” já não se busca nem reintegrá-los, nem educá-los, senão que a sociedade se “depura” deles . O uso de uma palavra chave nos planos de extermínio nazistas não é nenhuma casualidade...

Pelo contrário, o “dentro” é a velocidade do Mercado, os que são “signo” e se distinguem, aqueles protegidos (ou que se crêem protegidos) vivendo em fortificações amuralhadas .

Creio que em definitivo nenhum dos dois faz laço social. Os de “fora” por um processo de descidadanização insidioso; os de “dentro” porque não vivem na sociedade senão em micro-experiências utópicas e asilantes. Nos dois casos, a sociedade é um espaço “escasso”, e mais que escasso, sempre insuficiente.

A resposta ao laço social insuficiente é a Máquina: como se fosse uma espécie de maquinaria quase perfeita se introduz a idéia de que a sociedade é um ensamblagem que auto corrige seus erros e descarta imperfeições (Klein,2005:120) .

A partir daí nada há que justificar e creio que Habermas (1987) se equivoca ao descrever o capitalismo tardio como preocupado em fortalecer sua legitimidade. Mas quem não se equivoca é Castoriadis (1982), ao mostrar como na sociedade atual a dimensão do instituinte se perde a favor do instituído: o sujeito nada pode frente a uma estrutura-máquina-mensagem que o precede de forma acabada e o forma e /ou manipula a seu capricho.

Enquanto que a cultura, a partir da modernidade keynesiana, se julgava pelo fato de ser transmitida e atualizada, a partir do neoliberalismo se assenta na repetição e o “sempre o mesmo” . Esta cultura:

que se considera capaz de reproduzir-se de forma virtual a si mesma, é inseparável de aspectos paranóicos: todos somos controlados tanto quanto nenhum é necessário, o que é proporcional ao incompreensível das mudanças sociais que ocorrem(...) Esta conjunção de sucessos desgraçados e crises irreversíveis fazem com que o impensável encontre um tope a partir do qual se

faz urgente encontrar uma explicação do que está acontecendo, por mais que subsista um sentimento difuso de que nada ou ninguém pode explicar a dimensão de catástrofe que predomina. É o ponto em que surge a figura do bode expiatório: o jovem se faz cargo da ameaça, violências e ominosidades com as quais se intenta resgatar um sentido perdido e inapreensível (Klein,2004: 121).

Quando não sustenta um resguardo confiável para o crescimento de seus integrantes, o conjunto termina por buscar um bode expiatório, atacando o mais frágil. O adolescente entra assim em um estranho ritual de morte pelo qual aparece como necessário seu sacrifício, para conservar certo ilusório equilíbrio social. Em algumas ocasiões os sacrifícios são pessoais, na maioria, o que se sacrifica é a própria adolescência...

Esta situação catastrófica implica que o adolescente se vê na necessidade de recolocar sua cotidianidade, que passa a sobressair em termos de “sobrevivência “. E ponto paradoxal, quanto mais teria necessidade de recorrer a um psiquismo transformador mais este psiquismo se revela em situação de “insolvência”.

Desta maneira parece que o dilema vai se perfilando: cair em uma situação de desvalimento extremo, ou anular o adolescente em suas vidas, como estratégia mínima de resguardo do psiquismo.

HIPÓTESES SOBRE A FORMA DE CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

O material clínico com o qual trabalhei minhas hipóteses surge de um grupo terapêutico de adolescentes (de 15 a 18 anos) que funciona semanalmente dentro do Programa de Psicoterapia da Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina, na cidade de Montevideú. No mesmo predomina uma franja social que provém da classe média empobrecida.

Este duplo fator: média–empobrecida marca uma silhueta específica nas modalidades fantasmáticas e vinculares que estudo. Efetivamente assim como a classe média era o paradigma da modernidade, seu empobrecimento passou a ser o paradigma do neoliberalismo. Situação que não se concretizou sem dores, fissuras, catástrofes e loucura. Minha investigação é uma avaliação e um diagnóstico de tal situação.

Ordenarei a apresentação das conclusões ao redor de alguns eixos que me interessa destacar: a *ausência do paterno*; a *cena congelada e de suturamento*; a *iminência da*

exclusão -expulsão; a ordem do precário; a patologização dos espaços transicionais; o complexo de Meneceo ou de messianismo exacerbado.

A AUSÊNCIA DO PATERNO

N. (mulher) conta : *“Conozco a mi padre sólo de vista.... No me reconoce como hija...Yo tampoco sé dónde está. Tengo una amiga que encontró a su padre por la guía .Voy a pedir que me traigan una de Argentina para encontrar al mío porque creo que vive en Buenos Aires”*, colocando uma situação por demais insólita: não sabe quem é seu pai mas leva seu sobrenome. Pai que por sua vez a nega como filha, perdendo-se assim marcas de certeza que permitam armar projetos de vida e estabelecer processos de crescimento tróficos .

O pai se faz inalcançável e inencontrável: um enigma. O paterno que estes adolescentes transmitem está profundamente alterado. Já não é um valor fixo, uma espécie de certeza. Pelo contrário, o que transmitem é que já não se sabe bem quem é o pai . E, ademais, o que é e o que faz um pai.

Permanece em um lugar de distância, talvez expulso por seus próprios filhos ou auto-exilado. Este pai débil, ausente, irreconhecível, não pode receber o ódio de seus filhos (e tomo ódio no sentido winnicottiano [Winnicott,1972], de agressividade ao serviço do crescimento) nem tampouco seu amor. Há aqui algo do ambivalente que se desarticula e se rompe, com o que se acentuam as atitudes extremas de ressentimento e / ou remorso.

Com o terrível que podia chegar a resultar o Pai da Horda está aí , está presente, direciona, ordena, guia. Esta versão do pai, em troca, não dá ordens nem tem voz. É um pai que existe nas páginas de um guia telefônico ou pratica feitiços de exorcismo como no caso de A. Mas da lei nada sabe.

Contudo creio que há uma dimensão simbólica do pai que não se pode renegar. Muito dela se reencontra, como já assinalei, em diversas instituições que formaram parte da socialização do paterno, e daí o compulsivo que se consolida em uma busca tão dramática como infrutífera que revela, como, nesse dilema, se brinca com algo que se torna fundamental para o crescimento.

Em tal sentido se constata uma dissociação entre o familiar, o parental e o subjetivo fortalecida ademais pela temática do secreto. Os movimentos esperados de consolidação de identidade e reassuramento social próprios da família nuclear, parecem sofrer mudanças radicais, com o que tomar ao descritor endogamia - exogamia como simples passagem da família de origem à família de destino, deixa de ter muito sentido .

Me parece interessante apontar desta maneira qual é o lugar da chamada “novela familiar” nestos jovens. Desde Freud (Laplanche-Pontalis,1981) se entende por tal uma fantasia pela qual os pais reais se substituem por outros, plenos de atributos narcisistas maravilhosos. Pelo contrário, a novela familiar que aqui se apresenta não busca modificar àqueles, senão obrigá-los a uma adoção que se dá por descontada na versão freudiana e que aqui gera sofrimento por sua ausência. Já não é que os pais sejam adotivos ou não, é que pelo contrário des-adotam e se desentendem dos filhos, com o que se coloca uma questão afiliatória ali onde não deveria existir.

Creio, então, que a questão filiatória, de sucessão e herança - não presente na novela familiar – se resolve através de uma novela fraterna. Sentem-se desta maneira mais “adotados”, cuidados e custodiados por seus irmãos que por seus pais biológicos.

Aprofundo, então, o já assinalado: seguir mantendo como referência estruturante o Édipo, em sua concepção convencional, se torna simplificante, devido à necessidade de incluir o complexo fraterno (Kancyper,1997) como uma dimensão fundamental de subjetividade. Desta maneira o par incesto – castração, se é conservado, deveria ser complementado com o par afiliação versus desafiliação.

Esta novela fraterna é inseparável assim do paterno e seus duplos. O pai já não garante o paterno, o qual abarca outras figuras: tio, avô, padrinho, irmão, professores, garantindo em todos os casos um reconhecimento estruturante.

Contudo, há que destacar que, ao mesmo tempo, o fraterno implica também uma operatória da rivalidade relacionada a uma violência confeccionada em forma de bandos: excluídos e incluídos, preferidos e relegados, signos e insignificantes (Lewkowicz,2004).

A CENA CONGELADA E DE SUTURAÇÃO

Cabe pensar se o par papai-mamãe (no sentido do regressivo-prospectivo) não se tem substituído por outros, como o par irmão-avó, em uma busca de diálogo que aqueles são incapazes de sustentar, imbuídos em um clima de asfixia e desinvestimento que denominei estrutura de pais abrumados.

São pais demasiado ocupados na discussão de sobrevivência social para manter, paralelamente, um diálogo e uma comunicação familiar, constatando-se a impossibilidade de poder sustentar um espaço libidinal para seus filhos, excluídos de forma crônica de um encontro que, contudo, os fortaleceria.

Entendo que é um reiterado erro sustentar que os pais não fazem confrontação geracional com seus filhos, devido a que supostamente se disfarçam de “adolescentes”. Parece-me descabelado este ponto de vista, já que, a partir de minha opinião, os adultos não é que queiram ser adolescentes, querem ser jovens, o que não é de forma alguma o mesmo (Klein,2002). Evitam-se a confrontação com seus filhos é devido a que se sentem incapazes de poder sustentar tal situação. Estes traços de angústia (estrutura de pais abrumados) anulam traços de força e segurança essenciais.

Desestimada a possibilidade de confrontação (Winnicott,1972), se solidifica um mundo adulto que se hermetiza, resguardando segredos, cenas temidas e configurações vinculares que se fusionam. A opção que resta, é então não separar-se, armar uma só pele com a família, cuidar-se mutuamente, estruturar uma cena onde a mudança se “congela”, exacerbando-se uma suturação capaz de anular qualquer crescimento, o que irremediavelmente passa a vivenciar-se como incompreensível e terrível.

A IMINÊNCIA DA EXCLUSÃO-EXPULSÃO

Parece visualizar-se que para estes adolescentes existem temporalmente duas configurações antinômicas. Um tempo de felicidade, no passado, onde não havia violência nem crescimento e onde provavelmente se sentiam amparados. E outro, no presente, que lhes abre signos de interrogação, incertezas e desvalimento com a presença de realidades (a nova companheira dos pais, o liceu, o bairro) a partir das quais o adolescente se sente excluído.

A exclusão às vezes toma a forma da decepção: sentem que fracassaram por algo que nem sempre sabem ou podem enunciar, surgindo um outro-rival que passa a centralizar a exclusividade de um investimento que se mostra insuficiente para abarcá-lo também a ele.

Passam a estar deserdados e despojados de condutas aceitáveis, normas que os amparem, rendimentos que satisfaçam. O que resta é a violência. Vítimas ou vitimários da mesma dentro de uma situação de dor que os faz sentir-se cada vez mais inseguros e cada vez mais convencidos da conveniência de manter seu self verdadeiro clandestinizado e inalcançável. Ainda que se transforme em inalcançável para eles mesmos.

PATOLOGIZAÇÃO DOS ESPAÇOS TRANSICIONAIS

Ao mesmo tempo creio que esta situação implica uma pergunta sobre como seguir

adiante em suas vidas: se de forma fusionada ou evitativa. Ambas as estratégias impedem gerar fenômenos transicionais (Winnicott,1981), os quais implicam, através de um investimento da ausência, a possibilidade de transformar coisas e experiências em objetos psíquicos, operativa que se relacionaria por sua vez com um sentido de esperança, espera e tolerância à frustração.

Pelo contrário, os espaços parecem obter uma qualidade ameaçante (“*A mi no me gusta estar en silencio, más la oscuridad me da miedo. A veces cuando me despierto, siento miedo aunque esté mi hermana en el cuarto*”) remetendo o silêncio e a obscuridade a **zonas de vazio**. Este vazio se torna intolerável porque sobre ele não podem pensar, ao não haver possibilidade de investir na ausência como espaço ou objeto potencial, o que implica no meu entender uma **patologia do espaço transicional**.

Este vazio já não é a expectativa de algo que vai advir, senão que é a ausência de todo significado. Disse obscuridade, silêncio, talvez a casa, mas falta agregar uma última estrutura de vazio: a adolescência mesma. Para estes jovens **a adolescência é uma estrutura de vazio** que desperta uma ansiedade insuportável porque se transformou em um espaço sobre o qual não podem pensar, no qual não podem transcorrer, ao qual não podem conquistar.

Ao não haver investimento deste meta-espaço adolescente se dificulta poder investir em outros sub-espacos, com o que a cotidianidade se nutre da superausência desamparante ou a sobrepresença do estranho que invade.

Se consolidam desta maneira diversos desgarros que fazem fracassar a constituição de uma distância ótima pelo que tudo está ausente ou está presente, tudo está fusionado ou hiperdiscriminado, sem que se possa pensar a partir do ausente. A falta de situações intermediárias ou negociadoras faz com que estes jovens estejam saturados de coisas e por sua vez –paradoxalmente- sem nada, porque tudo passa pelo filtro pertinaz da pergunta sobre como conservar aquilo que está, mas que é evanescente: o pai, a mãe, o irmão, um amigo, o social.

A ORDEM DO PRECÁRIO

Ao início de uma sessão os jovens começarão a discutir metas de ordem aparentemente adolescente desejando reafirmação, crescimento e independência. Diziam então:

En el futuro me veo realizando lo que quiero :una carrera, tener una casa .Ser independiente ; Me gustaría ser mayo, tener 21, así me puedo mandar yo ; A mi

me gustaría ser grande y decirle a mi abuela : No , no voy a hacer esto... (Sin embargo poco a poco va surgiendo otro tipo de material más regresivo): Mi madre me dice xxxx (nombre diminutivo) delante de mis amigos; A mi me gustaría seguir siendo chica ;A mi no me dejan salir a bailar ; Soy el bebé de la casa.

A seqüência ilustra o que desejaria apresentar como a ordem do precário, no entanto, se erige um falso self (Bollas,1991) (aparentemente adolescente) que oculta outro clandestino que remete basicamente à dificuldade de encontrar o benefício de começar a ser adolescentes.

Este self verdadeiro parece remeter ao desejo narcisista de continuar sendo o “bebê “ da casa, buscando evitar colocar problemas e conflitos. A partir desta perspectiva, o precário alude à impossibilidade de libidinizar a adolescência como espaço antecipatório, em relação ademais a uma *estrutura de angústia* em nível familiar .

Faltosos de um espaço étario, se impõem situações de ambigüidade que substituem direitos e obrigações, por temáticas de ressentimento e endividamento, precarizando-se as possibilidades de consolidar autonomia, assumir riscos e enfrentar decisões que não fazem, senão, precarizá-los ainda mais.

Esta situação aparece em três registros: social, familiar e a nível da subjetividade. No nível social implica a extrema fragilização das condições de trabalho e estudo (transformados neoliberalmente em *mercado* laboral e de estudo), que passam de representar condições de segurança e continuidade a estar definido pelo ameaçante. Este ameaçante implica uma sensação de incerteza permanente onde situações *inquebrantáveis* começam a *quebrantar* .

Quiçá se relacione ao que Beck (1997) chama sociedade de risco, mas preferiria relacioná-lo com o fato de que na modernidade keynesiana o precário era uma figura transitória e acidental, enquanto que a partir do neoliberalismo se tornou um traço que predomina, ocupando, em troca, um lugar exíguo, aquilo que assegura e tranqüiliza.

A precariedade no nível familiar implica o desmoronamento de lugares diferenciados e papéis complementares a favor de estruturas de aglutinamento onde o paterno remete ao inexplicável e o materno ao desconfiável, quebrando-se um pacto de confiança imprescindível, ao que se possam ir somando e articulando novos elementos. O espaço familiar começa a se povoar de segredos, situações confusas, atitudes de exclusão.

Por último, no nível subjetivo o precário implica o arremetimento de elementos ameaçantes e paranóicos que consolidam um frágil equilíbrio emocional prestes a “desmembrar-se” frente a situações conflituosas que mobilizam.

O COMPLEXO DE MENECEO OU DE MESSIANISMO EXACERBADO.

É lugar comum o comentário de que os adolescentes de hoje estão desencantados, não se preocupam com nada ou que estão na “bagunça”. O que de alguma maneira reiteram os autores clássicos da psicanálise (Hanna Freud, 1985): o adolescente está sempre como mirando para fora, em direção a outra coisa, “navegando” em seu mundo pessoal e inalcançável.

Meu ponto de vista é diametralmente oposto: não miram em direção a nenhum “fora” senão que não podem deixar de mirar, pensar e preocupar-se por um “dentro”. Quer dizer, não podem deixar de estar atentos a sua família procurando cuidar, proteger, confortar.

Como o Meneceo do mito não duvidam em sacrificar-se pelo bem de todos:

Tirésias se apresentou na corte de Édipo, apoiando-se no bastão de madeira de cornejo que lhe havia dado Atenea, e revelou a Édipo a vontade dos deuses: que a peste cessaria somente se um Homem Semeado morresse em benefício da cidade. O pai de Jocasta, Meneceo, (que em realidade era o avô de Édipo), foi um dos que havia brotado da terra quando Cadmo semeou os dentes da serpente, se jogou imediatamente das muralhas, e toda Tebas elogiou sua abnegação cívica. Tirésias anunciou logo: Meneceo obrou bem e a peste cessará (Graves,1985: 11).

Ao contrário que com a peste tebana, a atitude menecênica destes jovens não poucas vezes não implica senão a ilusão de neutralizar os efeitos de um contexto hostil e desamparante, ao preço da manutenção de uma cena de suturação mútua a partir da qual buscam reparar um desamparo crônico que não faz senão consolidar-se.

Este messianismo exacerbado implica ademais a extrema responsabilização do que acontece na configuração familiar, o que acarreta acentuados sentimentos de culpa. Situação que não somente os afasta de qualquer indiferença ou distância senão que ademais os obriga a manter condutas de hiperadaptação. Demasiado involucrados em transformar-se em cuidadores eternos estão impossibilitados de consolidar processos de

exogamização e de abertura, os quais permanecem como uma questão pendente e problemática.

A EXPERIÊNCIA DO QUE É ADOLESCENTE

Assim, o aparato psíquico passa a constituir-se segundo o modelo de uma máquina, com prevalência do ponto de vista econômico. É uma subjetividade que se vê a si mesma em termos de incremento da tensão de necessidade ou descenso da tensão de necessidade. As coisas se experimentam em termos de tormento, angústia e receio, pelo que a experiência do adolescente como conquistador, jubiloso e explorador se opõe à do adolescente como raro, envergonhado e asilado.

A violência deste tipo de adolescência se completa sob os signos da ameaça, do ameaçante e do ameaçador. Neste ponto, considero fundamental as idéias de Jeammet com respeito a um quadro de vulnerabilidade psíquica, *“expressão de uma dificuldade do aparato psíquico em ter um rol essencial de adaptação do sujeito ao duplo registro de suas necessidades e desejo e da pressão do entorno”* (Jeammet, 1996: 173).

É um funcionamento mental cujos traços essenciais assinalam a potencialidade desorganizante do fantasma inconsciente, falta de eficácia do trabalho do pré-consciente, debilidade dos mecanismos que participam no trabalho de elaboração e de contenção psíquica(...) O objeto se apresenta como perturbador e atacante (Klein, 2003: 137).

Desta maneira, praticamente tudo o que é a descrição clássica da psicanálise do adolescente parece derrubar-se. Perde-se a dimensão da resignificação de Kancyper (1992), a chama do júbilo de Urribarri (1990), a possibilidade de confrontação de Winnicott (1972), a antecipação de Piera Aulagnier (1991) e o labor do re-equilíbrio pulsional de Hanna Freud (1985).

Em seu lugar se destaca uma estrutura desorganizada e desorganizadora e a comovedora necessidade de um outro-duplo, às vezes proporcionado pelo fraterno, buscando poder conjurar a presença do estranho. Duplo que é ademais prótese psíquica pois pensam e sentem através do outro. Dado que re-dimensiona o grupo de pares já não como simples lugar de identificações (o que tem a ver mais com o processo secundário), senão como evitação do estar à sós realizando entre todos um ritual que faça desaparecer o estranho e o aterrorizante.

Aquela *guerra* da ditadura continua na *guerra* dos pais por sobreviver e na *guerra* que eles mesmos mantêm -nunca declarada e apenas percebível- contra um inimigo estranho, capaz de surgir em qualquer momento e em qualquer lugar.

Ao romper-se o contrato narcisista (Aulagnier,1975) de cidadanização e de classe média estável, estes jovens passam a estar à deriva expressando um estado fluido (Lewkowicz,2004) pelo qual não é que estejam fora do laço social do trabalho e da educação, senão que, por momentos, *não estão em nenhum lugar*.

Falei do enfoque errôneo da chamada deserção liceal, acentuando o fato de que em realidade a mesma responde a que se esgotaram as estruturas de recepção e passagem. Uma conseqüência é que se trata de estudantes que estão em situação permanente de dar exames, *solidificando* uma situação inesgotável de endividamento.

A adolescência já não se resolve em instâncias de negociação, como é próprio da moratória de Erikson (Maier,1980), senão em uma exigência de endividamento atormentante que se cronifica e eterniza. A experiência dos estudos é *dever* matérias, a experiência do familiar é *dever* lealdade, a experiência do cotidiano é *endividante*.

Desde o liceu existem poucas possibilidades de que se gere um diálogo, por uma acentuação de uma vertente metonímica que o torna um instituído com dificuldade para dar lugar ao metafórico. Com isto, o liceu não gera condições pelas quais, a partir e por sua presença, se verifique mudança ou impacto psíquico no adolescente que o transita. Não há apoio psíquico na instituição nem a instituição se apóia nele, dentro de um processo de enfraquecimento maximizado, em relação a um mínimo de atividade psíquica.

O neurótico, a formação de compromisso, o sintoma se substituem por experiências do ominoso e o estranho. Daí que tentei delinear um marco terapêutico que me parece mais apto para este tipo de construção de subjetividade.

Neste ponto a observação de Kaës (1993), referida ao grupo como uma exigência de atividade psíquica se torna relevante. Exigência, não no sentido do obrigatório, senão no sentido do possível e da possibilidade. Passar de um aparato psíquico em *desmoronamento* a um aparato psíquico com *possibilitamento* de uma fronteira que, ao instaurar diferenças fundamentais (dentro–fora; psíquico–não psíquico; fantasia–realidade; ego–superego), permite alentar processos intersubjetivos de transformação.

ADOLESCENTES SEM ADOLESCÊNCIA

Em definitivo, a adolescência como aquele *espaço-tempo-marca* privilegiada sucumbe, com o que se desmembram experiências sociais, familiares e subjetivas, que se mantinham integradas e resignificadas desde aquela. Este “puzzle sem um modelo para armar”⁶ erradica necessariamente então o conflito como instância de mediação e formação de compromisso. Pelo contrário aquele puzzle “com modelo para armar”, implicava a possibilidade de tomar o conflito como oportunidade de crescimento, funcionando o aparato psíquico como continente do conflito.

Desta maneira o aparato psíquico se mantinha auto-sustentado e catectizado (“alimentado”) por si mesmo, estabelecendo comunicação e diferença entre suas instâncias constitutivas. Este modelo de aparato psíquico é provavelmente adequado à modernidade keynesiana, onde subjetividade e psiquismo se correspondem e correlacionam de forma trófica .

Mas, em tempos de neoliberalismo, a subjetividade que aparece é outra, caracterizada pela compressão ou “*untergãng*” do aparato psíquico (Bleichmar,1997). A problemática do *vazio*, substitue a da *formação de compromisso* e, em definitivo, subjetividade e psiquismo creio que se tornam antinômicos. A condição de sobrevivência de subjetividade é o empobrecimento (ou forma de expulsão) do aparato psíquico, o que redobra o imaginário neoliberal : todo espaço se constitui por expulsão irreversível de algo-alguém.

O aparato psíquico não está em realidade *ausente* senão *empobrecido*. Uma expressão de seu empobrecimento é que se substituem estruturas que se embasam no conflito, por outras que se embasam no consenso ou na sentença. Assim se constata uma atividade sobressalente do Eu ideal junto a um super- ego de tipo sádico (Klein,1997b). Estes elementos confluem em fragilizar o trânsito pela vida, com o que, no processo de crescimento, passam a predominar vivências atormentantes e inquietantes.

A mente como espaço de integração e recepção de notícias do mundo interno (Bollas,1991), é *fragilizada* e confinada a uma situação de limite, donde o *desastroso* está presente substituindo o *júbilo* (Urribarri,1990) cada vez mais convertido em uma situação infreqüente.

Há que ter em conta que o neoliberalismo inaugura uma experiência social sem antecedentes. O laço social se estreita e exclue: nem todos formam parte dele, ou melhor

⁶ Título de um de meus livros: “Adolescência: um puzzle sem modelo para armar” (2004).

dito, somente uma minoria tem direito a ele. *O adolescente fica relegado a ser somatória de situações e já não estritamente período etário.*

Situação que remete à hipótese central desta investigação: *se trata de pensar o inaudito de um estado de adolescentes sem adolescência.* Entendo **adolescentes - sem adolescência** não como uma antinomia senão como um *conceito - umbral* no sentido de que, *“há noções, conceitos, categorias (...) que requerem uma experimentação para determinar-se na experiência que iniciam, por isso desejaria chamar palavras-umbral a estas categorias, conceitos ou noções* (Lewkowicz,2004:151).

Desta maneira não me interessa destacar um *inexistente* (pois sem dúvida existem ainda adolescentes *com* adolescência), senão a consolidação de condições que fazem viável este *impossível*.

UM NOVO MODELO SOBRE ADOLESCÊNCIA

O anteriormente exposto não pode senão fazer refletir sobre os modelos que chamo tradicionais ou “clássicos” da psicanálise de adolescentes. Os mesmos se caracterizam basicamente pelos seguintes elementos:

- marcado acento do intrasubjetivo;
- preferência por referenciais teóricos simples;
- descuido de fatores sociais;
- confusão entre puberdade e adolescência ou adolescência e juventude, ou adolescente e adolescência;
- exagerado acento do des-contextualizado, apresentando um modelo “tipo” de adolescente engajado a um modelo “tipo” de sociedade;
- estabelecimento da subjetividade sobre valores sólidos, incambiáveis, sempre encontráveis .

Por minha parte me inclinaria por um novo modelo em que se pudesse contemplar:

- adequação de uma perspectiva vincular e transubjetiva;
- incorporação de referenciais teóricos complexos e complexizantes;
- trabalho sobre variáveis sociais, figuras de mediação e formações bifásicas;
- discriminação precisa entre adolescente, adolescência, juventude e puberdade;
- contextualização adequada de circunstâncias, fatos e problemáticas sociais;
- forjamento de novas teorias que dêem conta de uma construção de subjetividade assentada em processos de cidadanização em “quarentena”, psiquismo “desmantelado” e um “fluido” como presença efetiva.

Creio, assim que simultaneamente, com a “mudança” do tecido social, os sistemas explicativos plausíveis começam a se mostrar parciais e insuficientes, com o que se faz imprescindível repensar teorias, dispositivos e formas de construção de subjetividade. Novas patologias, novas subjetividades, novas tecnologias em psicoterapia, serviço social e saúde mental, o que implica o desafio de apostar em paradigmas complexos e complexizantes.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULAGNIER, P. *La violencia de la interpretación. Del pictograma al enunciado*. Argentina, Amorrortu, 1975.
- BECK, U. et al. *Modernización reflexiva-política, tradición y estética en el orden social moderno*. España, Alianza Universidad, 1997.
- BLEICHMAR, H. *El narcisismo- Estudio sobre la enunciación y la gramática inconsciente*. Argentina, Nueva Visión, 1981.
- BLEICHMAR, H: *Avances en Psicoterapia Psicoanalítica- Hacia una técnica de intervenciones específicas*. España, Paidós, 1997.
- BOLLAS, C. *La sombra del objeto- Psicoanálisis de lo sabido no pensado*. Argentina, Amorrortu, 1991.
- CALDEIRA, T. *Cidade de muros-Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Brasil, Editora 34, 2000.
- CASTORIADIS, C. *A Instituição imaginária da sociedade*. Brasil, Paz e Terra, 1982.
- DOLTO, F. *La causa de los adolescentes*. España, Seix Barral, 1990.
- FORRESTER, V. *Una extraña dictadura*. Argentina, Fondo de Cultura Económica , 2000.
- FREUD, H. *Psicoanálisis del Desarrollo del Niño y el Adolescente*. Argentina, Paidós, 1985.
- GOMEZ RAMOS, A. *Totalitarismo, historia y banalidad del mal*. España, www.uc3m.es/uc3m/dpto/HC/AGR/totalitarismo.html, 2003.
- .GRAVES, R. *Los mitos griegos*. España, Alianza, 1985.
- HABERMAS, J. *Teoría y Praxis. Estudios de Filosofía Social*. España, Tecnos, 1987.

- JEAMMET, PH *et al.* *Estudio clínico - estadístico de la psicopatología de las tentativas de suicidio en el adolescente y el adulto joven.* Argentina, Revista de Psicoanálisis de Niños y Adolescentes, Nº 9, 1996.
- KAËS, R. *El grupo y el sujeto del grupo. Elementos para una teoría Psicoanalítica del Grupo.* Argentina, Amorrortu, 1993.
- KAËS, R. *La dimensión psicoanalítica de grupo.* Argentina, Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de grupo, 1994.
- KANCYPER, L. *Resentimiento y Remordimiento- Estudio psicoanalítico.* Argentina, Paidós, 1992.
- KANCYPER, L. *La confrontación Generacional.* Argentina, Paidós, 1997.
- KLEIN, A. *et al.* *Hacia una metapsicología de lo comunitario. Estrategias con grupos adolescentes.* Uruguay, Roca Viva, 1997a.
- KLEIN, A. *et al.* *De la paradoja al grupo: el adolescente a nivel hospitalario y comunitario.* Uruguay, Roca Viva, 1997b.
- KLEIN, A. *Escritos psicoanalíticos sobre Psicoterapia, Adolescencia y Grupo.* Uruguay, Psicolibro-Waslala, 2003.
- KLEIN, A. *Imágenes del adolescente desde el psicoanálisis y el imaginario social. Condiciones de surgimiento de la adolescencia desde la modernidad y el disciplinamiento adolescentizante desde la pos-modernidad.* Uruguay, Psicolibros, 2002.
- KLEIN, A. *Adolescencia, un puzzle sin modelo para armar.* Uruguay, Psicolibro-Waslala, 2004.
- KLEIN, A. *Adolescentes sin Adolescencia- Reflexiones en torno a la construcción de subjetividad adolescente bajo el contexto neoliberal-* Psicolibros Universitario, Uruguay, 2006
- LAPLANCHE, J & PONTALIS, J.B. *Diccionario de Psicoanálisis.* España, Labor, 1981.
- LEWKOWICZ, I. *Pensar sin estado. La subjetividad en la era de la fluidez.* Argentina, Paidós, 2004.
- MAIER, H. *Tres teorías sobre el desarrollo del niño.* Argentina, Amorrortu, 1980.
- MISSENARD, A. (org) *Lo negativo, figuras y modalidades.* Argentina, Amorrortu, 1989.
- TISSERON, S. *et al.* *El psiquismo ante la prueba de las generaciones-Clínica del Fantasma.* Argentina, Amorrortu, 1997.

URRIBARRI, R. *Sobre adolescencia, duelo y a posteriori*. Argentina, Revista Psicoanalítica Argentina vol. XLII, N° 4, 1990.

VOLNOVICH, J.C. *El default con nuestros hijos: La desesperación por no cobrar- El dolor de no poder pagar*. Argentina, www.laguiasemanal.com.ar/2002-09-23/humanidades.htm, 2002

WINNICOTT, D. *El proceso de maduración en el niño*. España. Laia, 1981.

WINNICOTT, D. *Realidad y Juego*. España, Gedisa, 1972.